

REFLEXÕES ACERCA DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO, PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CATEGORIAS DE ANÁLISE.

REFLECTIONS ON THE HISTORY DIALECTICAL MATERIALISM, RESEARCH IN EDUCATION AND ANALYSIS OF CATEGORIES

Maria Josélia Zanlorenzi¹

RESUMO

O presente texto aborda algumas das categorias que fundamentam o método do materialismo histórico dialético como intuito de auxiliar na compreensão da educação enquanto objeto de pesquisa. Partindo da questão ontológica do ser social, pretende-se levar o leitor a compreender o homem enquanto ser histórico e a educação como elemento de reprodução da sociedade capitalista. Discute-se a possibilidade de uma educação que forme o indivíduo que a compreenda a sociedade em que está inserido e as relações de trabalho e de exploração nela existentes, com vista a superação do atual modelo de sociedade.

Palavras-chave: Materialismo Histórico-Dialético - Pesquisa em Educação - Formação Humana.

ABSTRACT

This paper addresses some of the categories that underlie the method of dialectical historical materialism as an aid to understanding of education as a research object. From the ontological question of social being, intended to lead the reader to understand man as a historical being and education as reproduction element of capitalist society. We discuss the possibility of an education that forms the individual who understands the society in which it appears and the relations of labor and exploitation in that area with a view to overcoming the current model of society.

Keywords: Historical Materialism-Dialectic; Research in Education; Human Formation.

INTRODUÇÃO

Este texto visa apresentar uma breve discussão no que concerne ao método do materialismo histórico dialético, bem como algumas das principais categorias de análise na pesquisa em educação. Organizado em dois momentos, iniciamos com a discussão das principais categorias de análise partindo da questão ontológica do ser social, do homem enquanto sujeito histórico e na sequência discorremos sobre a educação e seu papel desta na atual sociedade capitalista e possíveis formas de superação pela formação de consciência da classe trabalhadora .

Pretendemos com o presente texto levar o leitor a compreender a existência dos liames que se dão nas relações presentes na sociedade e que direta e/ou indiretamente influenciam na educação que se oferece à população na atualidade resultando na formação do ser humano exigido pelo modelo de sociedade presente em cada momento histórico da humanidade.

De início salientamos a importância do materialismo histórico dialético enquanto método no que concerne a interpretação dos mais variados fenômenos sociais, ou objetos de estudo, no que concerne à educação e à escola enquanto instituição de ensino de um modo geral e resultado de ações políticas, sociais econômicas e históricas.

Ao discutir a pesquisa em educação e o método de análise do materialismo histórico dialético, primeiramente devemos atentar-nos para as especificidades exigidas por esta forma de abordagem. Ou seja, enquanto método de análise, este procedimento não estabelece apenas e simplesmente uma forma de estudar e conhecer o objeto estudado, o qual se diferencia de outros pela sua denominação. Exige a adoção de uma concepção de mundo, de homem, de sociedade, de história e de conhecimento, bem como um posicionamento diante da realidade analisada, além de compreender a relação sujeito e objeto e a questão da objetividade e subjetividade.

Para entendermos como acontece o estudo pautado no materialismo histórico dialético, pretendemos expor neste texto alguns elementos que auxiliam o pesquisador na compreensão da realidade estudada e na realização da pesquisa em educação. Com esse intuito nos pautados na obra de Ivo Tonet “Método científico: uma abordagem ontológica” (2013) discutimos no presente texto a questão do método e a relação sujeito-objeto, a ontologia marxiana do ser social; objetividade, subjetividade, a dialética, abordando algumas das categorias de análise na pesquisa em educação: a totalidade e a relação entre o singular, o particular e o universal; o trabalho, a contradição, classe, revolução.

Ao iniciar essa discussão, torna-se necessário primeiramente abordar a questão do método e explanar, de início a relação sujeito/objeto dentro do referencial teórico marxiano para realizar uma pesquisa. Ou ainda, como deve ser o procedimento do sujeito para apreender e abstrair a realidade estudada:

O conhecimento da realidade, o modo e a possibilidade de conhecer a realidade dependem, afinal, de uma concepção da realidade, explícita ou implícita. A questão: como se pode conhecer a realidade? É sempre precedida por uma questão mais fundamental: o que é a realidade? (KOSIK, 1976, p. 35).

Conceber a realidade estudada requer conhecimento de sua organicidade, de sua composição, das relações que se estabelecem dentro da mesma e quais são os elementos que determinam suas relações, quais são as bases que sustentam a forma de ser desta realidade.

Para que isso ocorra, de início partimos do seguinte questionamento, o que é o ser? No método materialista histórico dialético, compreende-se este como o sujeito, a subjetividade, a razão. Lembrando que a razão é apenas um momento da subjetividade, apresentada e utilizada no presente texto como capacidade humana de realizar a análise de forma a articular os variados aspectos da realidade (TONET, 2013).

Na concepção marxiana, não há separação entre as categorias objetividade e subjetividade, pois as duas se articulam, são recíprocas. É nesse sentido que espírito e matéria - mundo e razão ao mesmo tempo em que

mantém sua especificidade, se unem e dão origem ao ser social. Marx não nega a subjetividade, mas afirma ser esta constituída pela objetividade “*Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência*” (MARX, 2002, p. 32). Ou seja, é a partir da vida real, das condições que o homem vive que se forma a consciência e não o inverso. As condições materiais determinam a forma de organização social, de vida e de viver do próprio homem. Sua forma de pensar é resultado da realidade em que vive:

Os homens são produtores de suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 1993, p. 36-37)

Embora, consciência e objetividade constituam-se, na ontologia marxiana, do mesmo caráter e composição, esses dois momentos não ocupam a mesma importância do ponto de vista da relação entre ambos, prevalecendo sempre a objetividade. Não se trata de uma simples inter-relação entre os dois, mas de uma síntese na qual a objetividade ocupa o lugar central.

Mas, o que é realidade? Concebemos esta como o mundo e as relações que nele se estabelecem. E, entenda-se mundo como um conjunto de muitas partes, porém não agrupadas de forma casual, mas trata-se fundamentalmente de “[...] um conjunto de partes, articuladas, em constante processo de efetivação e reciprocamente determinadas” (TONET, 2013, p.22).

Essa realidade social, enquanto conjunto articulado de partes, na perspectiva marxiana, expressa a totalidade. Segundo Tonet (2013) cada parte que compõe esse conjunto articulado, é em si mesma uma totalidade, cada uma dessas partes é composta de maior ou menor complexidade, porém não pode ser entendida como meramente elemento simples que não as separa, mas ao contrário, compõe o todo inter-relacionado, a realidade objetiva, o mundo.

Expressa ainda o fato de que as partes que constituem cada um desses conjuntos se determinam reciprocamente e que sua natureza é resultado de uma permanente processualidade. Expressa também o

fato de que há uma relação dialética entre o todo e as partes, sendo, porém, o todo o momento determinante (TONET, 2013, p. 96).

Composta de um conjunto de partes estreitamente articulada, esta realidade objetiva que é o mundo tem como uma de suas partes, em especial o trabalho. A categoria trabalho é compreendida como elemento fundante da totalidade objetiva. Ocupa especial atenção, pelo fato de ser a categoria pela qual o ser humano, ao se sobrepor a natureza e dela extrair os bens materiais, produz a perpetuação da própria espécie e a realidade objetiva. É as relações que se dá nesta realidade que produzem a realidade subjetiva, o próprio ser humano, o ser social.

Em relação a categoria classe, a formação de classe social² consiste na forma que ocorre a organização das relações de produção, ou do modo de produção na sociedade capitalista. Incide na relação entre o trabalhador - operário, o proprietário da força de trabalho e o proprietário dos meios de produção o burguês. Esta relação acontece por meio da compra e venda da força de trabalho entre o trabalhador e o proprietário dos meios de produção pautados numa relação de exploradores e explorados (SAES, 1985). “O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho” (MARX, 2011, p. 219).

Esta relação entre capitalista e trabalhador é sustentada pelo Estado Burguês que cria condições de convencimentos por meios ideológicos. Para que este sistema se reproduza sem ser percebido pelo trabalhador expropriado de seu trabalho, acontece a dissolução da consciência de classe social por meio do discurso de igualdade (SAES, 1985). “A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas; a burguesia e o proletariado” (MARX & ENGELS, 1989, p. 366).

Bem sabemos que Marx não escreveu nenhuma obra específica sobre o método. Essa ação de Marx expressa sua postura diante da problemática estudada, pois o mesmo compreende que as questões referentes ao conhecimento só poderão ser resolvidas a partir da elaboração da teoria geral do ser social, ou seja, da ontológica do ser social. Ontologia compreende-

se o estudo e a compreensão do ser enquanto ser, ou Doutrina do ser e das coisas (ABBAGNANO, 2007).

Uma ontologia do ser social (filosofia) é, pois, condição prévia para a resolução das questões relativas ao conhecimento. Além disso, essa ontologia também é condição imprescindível para, em interação com a ciência, produzir um conhecimento adequado da realidade social (TONET, 2013 p. 76, grifos do autor).

É a explicação, em linhas gerais, do que é o ser social, quais são os elementos que determinam a forma de ser do ser humano e o que o distingue da sua forma natural de ser. Mas o que é o ser social?

Temos que ter como ponto de partida a compreensão do ser humano enquanto indivíduos reais e históricos e de suas condições materiais de vida e sobrevivência. É na busca do entendimento de suas ações para transformar a natureza, que ao mesmo tempo este ser transforma a si mesmo, produz-se enquanto ser, interna e externamente; externo na criação de objetos para a busca da sua sobrevivência e do grupo e internamente na produção da humanização; é na produção de si e das suas relações sociais que compreendemos o que é o ser social.

Ambas as ações do homem, pelas quais elaboram as relações sociais e a história, se dão pelo trabalho, elemento exclusivamente humano. O trabalho é a ação fundamental do homem sobre a natureza. “Desse modo, o ato do trabalho comparece como sendo aquele que funda o ser social. Aquele no qual se encontra a raiz do ser social” (TONET, 2011, p. 138).

É, pois, pelo trabalho, que acontece o intercambio do homem na natureza. E pela transformação desta o homem produz os bens materiais para assegurar a existência humana; no método de Marx a categoria trabalho é a gênese do mundo social e base deste mesmo mundo, pois:

No tipo de atividade vital – afirma ele - reside todo o caráter de uma espécie, o seu caráter genérico; e a atividade livre, consciente, constitui o caráter genérico do homem [...]. O animal identifica-se imediatamente com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É a sua própria atividade. Mas o homem faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital consciente. (MARX, 1989, p.164)

É a partir da base material, das relações postas na sociedade, da compreensão da realidade objetiva que orientará o proceder do sujeito, do pesquisador. É a realidade objetiva, o próprio objeto que estabelecerão quais serão os procedimentos metodológicos a ser adotados pelo sujeito, pois no materialismo histórico dialético há a prioridade do objeto - do real, sobre o sujeito - o ideal; aquele impõe a este que para conhece-lo, o sujeito transforme a realidade objetiva - o concreto, em concreto pensado - o ideal, em subjetividade “Esta afirmação é uma consequência da prioridade do objeto sobre o sujeito (TONET, 2013, p. 112).

Trata-se, pois de traduzir a realidade na sua totalidade, sob forma teórica, reproduzir a realidade como está posta, mesmo que de forma aproximada. É nesse momento que se dá a categoria da mediação, é o movimento da compreensão do real estudado pelo sujeito. É a consciência que transforma o real, a objetivo em ideias, em atividade teórica, em concreto pensado.

No materialismo, portanto, a compreensão do real se efetiva ao atingir, pelo pensamento, um conjunto amplo de relações, particularidades, detalhes que são captados numa totalidade. Se um objeto do pensamento é mantido isolado, ele se imobiliza no pensamento, é apenas uma abstração metafísica. Porém, a abstração é uma etapa intermediária que permite chegar ao concreto; dessa maneira, aquele que procura captar o real sem ter passado pela abstração não é capaz de captar o essencial, o concreto, mantém-se no superficial, no aparente. A aparência é um reflexo da essência, da realidade concreta; o reflexo é, pois, transitório, fugaz e pode ser facilmente negado, superado pela essência (MASSON, 2007, p. 6).

Para Marx, não se pode ficar apenas no empírico, devemos chegar à essência do fenômeno e isso se dá pela análise do mesmo, ultrapassando sua aparência mais avançada, chegando-se na essência do objeto estudado. O pesquisador deve compreender que a natureza do objeto não se mostra de imediato. A sua forma aparente, o fenômeno, o que se vê de imediato pode apresentar o oposto do que ele realmente é ocultando sua essência. Só se pode chegar à sua essência pela categoria da mediação, passando primeiro pela abstração até chegar ao produto científico concreto. “O concreto é

concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade na diversidade” (MARX, 1983, p. 218).

Esta possibilidade de análise do real, do concreto se torna possível pela ontologia marxiana, que concebe a realidade não como resultado de infinitas partes diferentes e desconhecidas umas das outras, mas além de cada uma ser em si uma totalidade e determinarem-se reciprocamente, estão em permanente processo.

Trata-se de relações em constante movimento, acontecendo desta forma a dialética entre as partes que compõem o todo da realidade objetiva. Evidenciando a articulação entre a singularidade, a particularidade e a universalidade (TONET, 2013).

Para melhor compreender a articulação existente entre a singularidade, a particularidade e a universalidade dentro da ontologia marxiana, para entender a especificidade de cada elemento apresentado, ressaltamos que, na medida em que nos aproximamos do objeto estudado, do real, devemos entender que este objeto está articulado com o todo, com a realidade objetiva. Todo objeto não é absolutamente singular, isolado ou desconhecido, ele é o todo “Todo objeto é, ao mesmo tempo, singular, particular e universal” (TONET 2013, p.113).

Nada mais é que a totalidade com seus infinitos objetos compondo o todo, intrinsecamente relacionados, conectados. A ênfase está em conhecer quais são as conexões existentes e quais os elementos que estão conectados para compreender o objeto estudado e o movimento simultâneo do imediato - do fenômeno e sua essência (TONET, 2013).

A dialética é o esforço, o movimento realizado para que aconteça a ultrapassagem do fenômeno para a essência, visto que o fenômeno não se diferencia da essência, não sendo também a essência pertencente a uma ordem diferente do fenômeno. Sem se compreender o fenômeno não se atinge a essência. A dialética é o movimento composto pelas categorias da mediação e da contradição:

Se, pois, os fatos, devem ser tomados corretamente, convém inicialmente apreender, clara e exatamente, esta diferença entre a sua existência real e o seu núcleo interior, entre as representações que deles se formam e os seus conceitos. (...) Trata-se, de uma parte, de arrancar os fenômenos de sua forma imediatamente dada,

de encontrar as mediações pelas quais eles podem ser relacionados ao seu núcleo e à sua essência e tomados em sua essência mesma, e, doutra parte, de alcançar a compreensão deste caráter fenomênico, desta aparência fenomênica, considerada como sua forma de aparição *necessária*. (...) Esta dupla determinação, este reconhecimento e esta ultrapassagem simultâneos do ser imediato é precisamente a relação dialética KOSIK, 1976, p. 16-17, grifos do autor).

O movimento dialético possibilita o entendimento do real na sociedade, não envolve apenas e superficialmente a questão da pesquisa em educação. Não é simplesmente uma forma de abordagem teórica desvinculada da realidade do sujeito que pesquisa. O materialismo histórico dialético compreende: posicionamento diante da realidade estudada e conhecimento daquilo que estuda, bem como de sua interpretação.

A análise realizada não significa somente a interpretação do objeto como se não houvesse compromisso por parte de quem pesquisa com a realidade pesquisada, com o objeto em si acompanhado da mediação existente com as demais partes. Visto que este objeto encontra-se inserido na totalidade, na sociedade, composta de várias partes que se relacionam entre si, a exemplo da educação, economia, trabalho e política (TONET, 2013).

Apenas desvendar os elementos determinantes que influenciam a educação, enquanto objeto de estudo, não contribui suficientemente para que aconteça a compreensão necessária para se chegar ao real. É, pois fundamental o entendimento da necessidade de estabelecer a relação dialética entre teoria e prática. Entre o concreto pensado e a formação do homem, do ser social para compreender o real, o contexto em que este vive partindo do seu entendimento de mundo, bem como dos meios para transformar sua realidade.

Este homem, não precisar necessariamente transformar-se em outro ser totalmente diferente do que é e da realidade a que pertence. Deve haver sim, o desvelar do real, chegar a essência de como se dão as relações na sociedade e quais seus objetivos. Reconhecer qual suas condições e o lugar que o trabalhador e o trabalho ocupam na sociedade capitalista. A transformação requer o entendimento da práxis revolucionária, a qual exige antecipadamente o conhecimento da existência de classes sociais, bem como

de sua identificação na condição de proletariado. Essa consciência se dá pelo plano teórico e prático,

[...] o que Marx nos diz é que o proletariado não pode emancipar-se sem passar da teoria à práxis. Nem a teoria por si mesma pode emancipá-lo, nem sua existência social por si só garante sua libertação. É preciso que o proletariado adquira a consciência de sua situação, de suas necessidades radicais e da necessidade de condições de sua libertação (VÁSQUEZ, 1977, p. 129).

É necessário compreender a amplitude da práxis no âmbito da educação quando se aplica o método dialético do materialismo histórico enquanto referencial teórico não somente para análise da realidade, mas para a transformação desta:

A relação entre teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica na medida em que essa relação é consciente (VÁSQUEZ, 1977, p. 117).

Para acontecer a formação que leve o indivíduo a compreender a realidade em que vive e saiba interpretar as relações que se dão nesta, se faz necessário pensar a educação para além da transmissão de conteúdos, mas que forme realmente consciência, que este sujeito saiba interpretar a realidade em que vive, reconheça-se como sujeito histórico e conhecedor da possibilidade de outras formas de organização social.

Para que ocorra a superação da relação de exploração presente no atual modelo de sociedade é necessário que ocorra uma transformação nas estruturas políticas e sociais da nação e se implante uma outra forma de organização de sociedade em que as relações presentes não se apoiem em nenhuma forma de exploração do homem pelo próprio homem como vemos no modelo de sociedade presente e que esta nova forma de organização de sociedade não seja estratificada em classes sociais.

A formação do indivíduo pensada pela escola deve passar pela relação entre teoria e prática. Imbuída pela objetivação de uma nova organização social permeada por ações pedagógicas que superem as relações

individualistas postas na sociedade capitalista. Falamos da formação socialista³ em que a formação do homem na perspectiva é pautada na coletividade com vistas a um novo homem.

Para que ocorra uma formação de consciência por meio da educação, se faz necessário um projeto de educação fundamentado nos princípios revolucionário que pretenda formar o proletário atendendo os ideais socialistas.

A revolução não se fará apenas por um homem, ou um herói, ela é composta pela consciência de classe e feita pela classe, é um fenômeno social e de classe, como afirma Fernandes:

Há uma tendência a tornar a revolução um fato "mítico" e "heróico", ao mesmo tempo *individualizado* e *romântico*. Várias tradições convergem no sentido de anular o papel por assim dizer de suporte e instrumental das massas e salientar as figuras centrais, por vezes as "figuras heróicas e decisivas". A burguesia cedeu a essas tradições e fomentou-as, a tal ponto que sua historiografia, mesmo quando busca os *fatores externos*, concentra-se no "culto dos heróis" e dá relevo aos papéis criadores dos "grandes homens". Não é o caso de se debater, agora, a questão da explicação na história e de como entender a relação de personalidades revolucionárias com os processos de transformação do mundo. A historiografia marxista nunca anulou a importância da personalidade nos processos históricos e jamais praticou uma redução mecanicista, que excluísse seja o fator humano e psicológico, seja o grande homem e os líderes exemplares da explicação causal na história. O que distingue o marxismo, a esse respeito, é a tentativa de compreender a revolução como fenômeno sociológico de classe (FERNANDES, 1981, p. 4, grifos do autor).

O esclarecimento sobre algumas das categorias que possibilitam a pesquisa em educação na perspectiva do materialismo histórico dialético, independente de especificarmos aqui o tipo de pesquisa a ser realizado, pontuamos ser fundamental para o pesquisador ter em mente que o método científico aqui abordado deve leva-lo a compreender a realidade além da aparência, perceber a essência do objeto pesquisado. Por essa razão é que Marx afirma ser o homem produto das relações que se estabelecem na sociedade:

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de

desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (Marx, 1989, p. 29-30).

Nesse sentido é que o método do materialismo histórico dialético possibilita pesquisar a educação, não como algo isolado, mas como uma forma de atender o modo como a sociedade está organizada. Atender a objetivos mais amplos, porém menos evidentes. Presente no fenômeno pesquisado, mas que não se evidencia num primeiro momento. É necessário chegar à essência, ir além do aparente, chegar ao real do objeto pesquisado, possibilitado, pois pelas categorias de análise.

Perceber e conhecer a fundo as relações sociais, as relações postas na sociedade, àquelas que evidenciam o modo como a sociedade está organizada é um dos passos para se estabelecer aonde se quer chegar com a pesquisa em educação. Esse primeiro movimento do real, entender a base que sustenta a organização social, leva a compreender as relações que sustentam a sociedade.

Desvela como a mesma está organizada na relação entre trabalhador, o proletariado - classe dominada e proprietário dos meios de produção, a burguesia- classe dominante; relação entre trabalho e capital. Sustentação que se dá pelo trabalho e pela exploração da força de trabalho do trabalhador, característica da sociedade capitalista composta por classes sociais em que o trabalho se torna mercadoria.

Investigar a economia e os interesses da classe dominante e compreender a ideologia que direciona e determina a educação oferecida à classe trabalhadora é fundamental para analisar o papel da educação na sociedade capitalista. Esse movimento é necessário para chegar ao real. Só conhecendo a totalidade se chegará a essência do objeto estudado e assim conhecer o papel da escola e da educação na sociedade capitalista.

Além de compreender a forma em que a escola se apresenta organizada e sua função na sociedade, o uso das categorias de análise em

educação não deve ser tomada apenas como forma de apontar problemas. Estes já existem na sociedade, na escola, na educação. Estes apenas se desnudam ao usarmos um método que possibilita conhecer a realidade que também já existe, apenas não nos era evidente, mas existente.

Mais que apontar problemas e injustiças, o que não perde sua significância diante de tamanha exploração da classe trabalhadora pela classe dominante, é termos consciência que o homem é produto, mas também produtor de sua própria história, não nas condições que queremos e sim nas condições materiais que nos são dadas, como afirma Marx (2011).

Temos que pensar uma educação que não apenas discutam, critiquem as diferentes teorias, mas que realmente pense a educação de forma a transformar a realidade. Pensar a escola como espaço além do seu interior, “além muros” e refletir a realidade em que vivemos.

CONCLUSÃO

Conceber a escola como espaço constituído da realidade que a cerca, de sujeitos concretos que frequentam esse espaço e participem do processo de elaboração e decisão do que se aprende para que essa ação planejada efetive-se na realidade do aluno sujeito é fundamental.

Só na relação com a realidade concreta em que vive o aluno a compreender a sociedade em que vive e que esta sociedade é produto histórico, mas que pode ser mudada é que podemos conceber uma educação que realmente coloque em prática a escola como espaço de lutas, de coletividade, de construção de cultura e de uma contra hegemonia, do reconhecimento de uma sociedade dividida em classes para uma luta de superação desta organização social.

Só sujeitos concretos pertencentes a uma sociedade concreta que podem transformar uma realidade também concreta. Para alcançar tal pretendido, que não podemos chamar de finalidade, mas sim de começo de uma nova realidade, é que poderemos pensar em uma escola com formação que, tenha sim teoria, elemento também fundamental, mas que discuta o teórico olhando para a realidade na sua totalidade, na realidade do sujeito

explorado e não oportunizado em conhecer-se – reconhecer-se como sujeito, superando valores capitalistas que se sustenta pela alienação das massas.

O emprego das categorias de análise na educação dadas pelo materialismo histórico dialético visa ir além de simples análise. São elementos que possibilitam chegar ao real, compreender questões que aparentemente, enquanto fenômeno não são compreensíveis num primeiro momento, mas ao tornar-se concreto pensado, o real desnuda-se, chegando à essência.

Esse deve ser o propósito maior da educação, dos pesquisadores em educação, ir além do aparente, estabelecer relação da teoria com o real, com a realidade em que se vive, com suas ações, para melhor explicar, tornar-se prática.

Levar o sujeito a reconhecer-se enquanto sujeito explorado, mas acima de tudo sujeito que pode transformar o presente, conhecendo a história, o passado, feito por homens comuns que souberam interpretar o real, agiram conforme as condições que lhes foram dadas, porém souberam agir para formar pessoas com propostas de educação para além das aparências, formando consciência.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1º Edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi, revisão da tradução e dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERNANDES, F. **O que é revolução?** 1981. Disponível em: <file:///C:/Users/UAB/Downloads/oqueerevolucao_0.pdf> Acesso em 23/07/2015.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa, Edições 70, 1989.

_____. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **O capital:** crítica da economia política: Livro I, Volume I: o processo de produção do capital. Tradução de Reginaldo Sant'Ana – 28ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Burgueses e proletários** (Manifesto do Partido Comunista). In: FERNANDES, Florestan (Org.). K. Marx, F. Engels: História. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989 [1848]. p. 365-375.

MASSON, Gisele. Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. **Revista Práxis Educativa**, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89420203> . Acesso em: 05 de mar. De 2015.

SAES, Décio. **A formação do estado burguês no Brasil: 1888-1891.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TONET, Ivo. **Método científico:** uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

_____. **Educação e ontologia marxiana.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 135-145, abr2011 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art10_41e.pdf.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

¹Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG, Linha de pesquisa História e Políticas Educacionais.

Professora no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO – Campus Guarapuava- PR. E-mail: mjzanlorenzi@hotmail.com

²Embora existam os grupos sociais, denominados de fração de classe, os quais são vistos como subgrupos que correspondem a uma decomposição da classe, a exemplo da burguesia que pode ser vista como burguesia industrial, comercial e financeira. Definidas como subgrupos, esta que depende de sua relação direta ou indireta com a produção (SAES, 1985).

³Para maior compreensão do pensamento de Pistrak e Makarenko recomendamos a leitura da dissertação de BOLEIZ JUNIOR, Flávio (2008).

RECEBIDO EM: Junho de 2015

APROVADO EM: Julho de 2015